

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

## **Pensando o Hospital de Manguinhos como espaço de memória da pesquisa clínica**

Daniela Ejzykowitz\*

Renata Soares da Costa Santos\*\*

Maria Regina Cotrim Guimarães\*\*\*

\*Bolsista (Fiotec) do Projeto Memória da Pesquisa Clínica do IPEC/Fiocruz.  
Estudante de Museologia da UNIRIO.

\*\*Historiadora, mestre em História Social – PUC/RJ. Bolsista (Fiotec) do Projeto Memória da Pesquisa Clínica do IPEC/Fiocruz.

\*\*\*Médica, doutora em História das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz).  
Coordenadora do Projeto Memória da Pesquisa Clínica do IPEC/Fiocruz.

### **Apresentação**

O movimento da história deixa marcas, vestígios, legados, rastros envoltos por sentimentos, os quais podem ser evocados, trazidos ao presente, a partir dos mais variados registros, das mais variadas formas de expressão, sensação ou rememoração. Tais vestígios são resultado da ação concreta dos seres humanos no tempo/espaço, uma vez concordando que “tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito”<sup>1</sup>. Nesse sentido, os vestígios atuam como aglutinadores de tensão entre ausência e presença, na medida em que “inscrevem a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”<sup>2</sup>. E para não correr o risco das lembranças serem apagadas por definitivo, são pensadas estratégias de construção de memória.

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. Introdução à História. Publicações Europa-América, (s/d).

<sup>2</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p.44.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

## Objetivos

Apreender o passado, refletir e fazer refletir sobre a produção material e simbólica são alguns dos principais objetivos dos “lugares de memória”<sup>3</sup>, que não são lugares do passado, são lugares, sobretudo, do presente. Presente que, povoado de história, mantém, institui lugares exclusivos para guardar, celebrar, estudar, pensar sobre o passado.

Acreditando que construir a memória de uma instituição é um dos meios mais eficazes de rememorar sua história, divulgá-la e apresentá-la à sociedade, propomos, através desse projeto, estudar a pesquisa clínica do Hospital Evandro Chagas, antigo Hospital de Manguinhos, localizado no Campus Manguinhos da FIOCRUZ, no Rio de Janeiro.

## Discussão e método da presente pesquisa

Sabemos que o Hospital de Manguinhos, atual IPEC, foi o primeiro hospital criado para o estudo da pesquisa clínica no país. Além disso, foi um centro hospitalar<sup>4</sup> criado para a realização de pesquisas em doença de Chagas.<sup>5</sup> Voltando o olhar para a bibliografia histórica do Hospital de Manguinhos, percebemos duas vertentes de estudos: uma preocupada em discutir o Hospital como sede do Serviço Especial de Grandes Endemias (SEGE<sup>6</sup>),

---

<sup>3</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Revista Projeto História. São Paulo, PUC/SP, dezembro de 1993.

<sup>4</sup> É válido lembrar que o Instituto Fernandes Figueiras, fundado em 1924, foi incorporado à Fiocruz em 1970.

<sup>5</sup> A criação do Hospital é aprovada pelo Decreto n. 9.436 de 24 de janeiro de 1912 “para o fim exclusivo de se promover a descoberta e aplicação do tratamento terapêutico e profilático da moléstia de Carlos Chagas, de um hospital com todas as dependências e instalações apropriadas, tais como biotérios, locais para experimentação em animais, etc; e para as experiências da profilaxia e assistência médica nas zonas mais flageladas pela referida moléstia”. Decreto n. 9.346 de 24 de janeiro de 1912. In: Arquivo da COC. Ver Fundo????

<sup>6</sup> SEGE foi uma instituição voltada ao estudo e controle de doenças tropicais, chefiado por Evandro Chagas.



abordando as atividades do Hospital tanto a partir da descrição clínica das doenças, quanto do ponto de vista das doenças como problema de saúde pública<sup>7</sup>; outra interpretação do Hospital está ligada a sua estrutura, ao monumento arquitetônico.<sup>8</sup>

Tais abordagens possuem importância singular para a história das doenças e da saúde pública do Brasil, mas carecem de um olhar sobre a pesquisa clínica, na sua dinâmica própria, nas relações interinstitucionais e interpessoais que a envolvem, nas quais entram também emoções, afetos e desafetos - sentimentos típicos da esfera cotidiana.<sup>9</sup>

Pensar a pesquisa clínica do Hospital de Manguinhos, construído por Oswaldo Cruz com o objetivo de estudar/acompanhar a evolução dos doentes e das doenças, é, também, mergulhar em sua rotina, em suas características peculiares, em seus conflitos diários. Dar vida a esse cotidiano do Hospital é montar um quebra-cabeça espalhado em arquivos e memórias pessoais. É significar um passado, trazer à cena atores desconhecidos, encontrar elementos para aprofundar pesquisas realizadas e, quiçá, contribuir para novas investigações.

Trabalhar com uma concepção de cotidiano para compreender a dinâmica do Hospital na história da pesquisa clínica não é compactuar de uma nostalgia histórica, um anseio de viagem no tempo atrás de curiosidades. Pensamos a dimensão cotidiana próxima daquilo que Agnes Heller chamou de local onde ocorrem as ações do “mundo das objetivações”: a linguagem, os hábitos e o uso dos objetos que representam o espaço de

---

<sup>7</sup> KROPF, Simone Petraglia. Ciência, saúde e desenvolvimento: a doença de Chagas no Brasil (1943-1962). Revista Tempo, Rio de Janeiro, n.19, pp.107-124.

<sup>8</sup> BENCHIMOL, Jaime L. Manguinhos do Sonho à Vida: a Ciência na Belle Époque. Rio de Janeiro: Editora Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

<sup>9</sup> Heller, Agnes. O cotidiano e a história. Editora Paz e Terra, 2004.



socialização dos homens.<sup>10</sup> Discutir cotidiano é, antes de tudo, atentar para um mundo de atores que, conscientes ou não, produz e reproduz as instâncias da vida.<sup>11</sup>

Ao iniciarmos o presente trabalho, mapeamos o Hospital Evandro Chagas nos anos de 1940 através dos documentos conservados no arquivo da COC e encontramos vestígios desse cotidiano da pesquisa na prática médica, como: nomeações de médicos-pesquisadores, enfermeiros e demais funcionários do Hospital; entrada e saída de pacientes; pedidos de passagens para pacientes de diferentes estados do país; dietas servidas a pacientes e funcionários; número e preço das refeições servidas a pacientes e funcionários do Hospital; tombamento de bens materiais do Hospital; reclamações variadas; número de pacientes atendidos; pedidos de exames; registros de doenças atendidas; número de leitos; registro de lavanderia e costura; prontuários médicos e outros.

Encontramos, nesse breve levantamento, vestígios de um Hospital dedicado à pesquisa que extrapola a dimensão assistencial e a função de sede do SEGE. Deparamo-nos com um espaço de internação e de atendimento ambulatorial, com relatos clínicos, pedidos e resultados de exames, registros de pressão arterial, peso, frequência cardíaca, relato do diagnóstico de internação e da conclusão da alta, e autopsias. Nessa rotina do Hospital, ainda por ser contemplada pelos estudiosos da história da instituição, encontramos os passos de pesquisadores como Evandro Chagas e Ezequiel Dias, por exemplo, atuando na condição de clínicos. Dados como esses podem contribuir efetivamente para uma nova essência ao estudo da pesquisa em doenças.

A transformação do IPEC em Instituto Nacional de Infectologia, em 2010, remete à necessidade de reflexão sobre o espaço hospitalar do antigo Hospital de Manguinhos.

---

<sup>10</sup> Idem. Ibidem.

<sup>11</sup> Conforme argumento de Ronaldo Vainfas, “Cotidiano é conceito que diz respeito ao tempo, sobretudo ao tempo longo, seja no plano da vida material, seja no plano das mentalidades ou da cultura, embora possa ser operacionalizado na dimensão restrita de uma cidade, uma região, um segmento social, um grupo socioprofissional”. VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. In: Domínios da História, p.14.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Acreditamos que, após o traslado do IPEC para outro prédio - maior e moderno - que preencherá suas demandas, esse espaço hospitalar preserve, em alguma medida, o trabalho aí realizado ao longo de quase um século. Desta forma, possibilitar que alunos, professores e estudiosos das várias áreas do conhecimento tenham contato com a pesquisa clínica, especialmente aquela realizada em Manguinhos, em seu local de origem.